

A História que queremos: uma proposta de ensino de História para as redes sociais¹

The History we want: a proposal on the teaching of History for the social networks

Bruno Belloc Nunes Schlatter²

Resumo

O trabalho propõe o uso das redes sociais na aula de História a partir de páginas nas quais os alunos devem fazer postagens opinativas periódicas relacionando o conteúdo estudado em aula com a sua realidade e as suas experiências pessoais. Teoricamente, o trabalho se apoia no conceito de protagonismo dos estudantes, articulado com a noção de passado prático, enxergando a realidade não somente como um ponto de partida para se chegar ao conhecimento histórico, mas, também, como um ponto de chegada, em que os conceitos e temas desenvolvidos no estudo do passado ajudem a compreender e a realizar uma leitura crítica da realidade presente. O que se observou é que o recurso à rede social promove um maior engajamento dos alunos, assim como um fortalecimento do sentimento de protagonismo e de agente sobre a sua realidade.

Palavras-chave: Ensino de História. Passado prático. Redes sociais.

Abstract

The article proposes a way to use social networks in History classes, through pages in which the students can make messages relating the contents of the classes to their personal realities and experiences. Theoretically, it is based on the concept of student protagonism, articulated with the practical past, taking the realities of the students not just as a starting point to reach the historical knowledge, but also as an arrival point at which this knowledge will help understand and read the present reality in a critical way. What have been observed is that using the social network promotes a better engagement of the students and enhances their sense of protagonism over their own realities.

Keywords: History teaching. Practical past. Social networks.

Introdução

O presente trabalho desenvolveu-se como parte de uma pesquisa de mestrado profissional, defendida em maio de 2020. A pesquisa tinha como tema o protagonismo estudantil, em uma busca de formas de ensinar que trouxessem o conhecimento histórico para mais perto das experiências dos estudantes. Nesse contexto, as redes sociais apareceram como um ambiente promissor, no qual havia a possibilidade de engajar os estudantes com o uso de uma ferramenta do seu cotidiano, com a qual têm familiaridade,

¹ Artigo baseado na pesquisa realizada para a dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História e na apresentação realizada a seu respeito, no I Congresso Nacional do ProfHistória (2019).

² Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação A História que queremos: ensino de História, protagonismo e passado prático nas redes sociais; e especialista em História do Brasil Contemporâneo pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). É professor de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre desde 2012.

e no qual poderiam articular os conhecimentos estudados em sala de aula para além dos muros da escola, em uma forma de ação ou, ao menos, de interação com suas realidades e experiências pessoais.

Talvez eu possa dizer que, em seus primórdios, o trabalho tenha vindo, na realidade, de duas fontes improváveis: um jogo eletrônico e uma greve.

O jogo chama-se *Persona 5* (Atlus, 2016), sendo, em 2017, o que me ocupava em minhas horas de descanso fora da sala de aula. Ele possuía como temática o universo e a cultura escolares; no seu enredo, um grupo de estudantes adquire poderes sobrenaturais, os quais usam para promover mudanças na sociedade em que vivem. Há um tema de protagonismo juvenil muito presente na trama, enquanto as personagens principais lidam com situações de perversão e corrupção em instâncias cada vez maiores, lutando para resolvê-las.

Enquanto jogava, pensava nas ocupações escolares promovidas pelos movimentos estudantis no Brasil durante o ano de 2016. Para além delas, pensava também na minha própria experiência enquanto estudante, tantos anos antes, e no tipo de sonhos e utopias que eu criava para o futuro. Tenho a impressão de que, por vezes, diante das dificuldades e ocupações da vida adulta, esquecemos dessa dimensão utópica que há em nós enquanto jovens, para quem o futuro ainda se encontra em aberto e cheio de possibilidades. Ainda mais no trabalho como professor (que me deixa em contato constante com estudantes jovens) em que sinto que, com frequência, perdemos essa dimensão de vista, ao mesmo tempo em que entendo que é fundamental recuperá-la, se desejamos engajá-los e envolvê-los em um processo de aprendizagem significativo.

Concomitantemente, ocorreu, em 2017 também, uma das maiores e mais intensas greves das quais participei enquanto professor da rede pública municipal de Porto Alegre. Com quase quarenta dias de paralisação, foi também um movimento relativamente vitorioso, com a retirada de projetos de lei que prejudicariam a carreira pública no município.

Ao retornar para as aulas, após tanto tempo envolvido na luta sindical, estava ainda com a experiência do movimento muito viva, com o sangue ainda quente, por

conta de todos os conflitos que tivemos dentro e fora do sindicato. Somando esse episódio às reflexões às quais o jogo havia me levado anteriormente, pensei se não haveria uma forma de trabalhar em sala de aula com esse sentimento e essa ânsia de mudança que julgava existirem também entre os alunos.

À época, além das aulas de História, também ministrava a disciplina de Filosofia para algumas turmas. Embora a graduação em História me habilitasse para isso, a falta de uma formação específica na área me deixava, paradoxalmente, mais confortável para fugir do currículo e testar estratégias didáticas mais abertas, diferentes e arrojadas. Foi com esse pensamento que, no último trimestre daquele ano, comecei a trabalhar o tema da filosofia política com os alunos do oitavo ano e a formular a ideia de um trabalho final que utilizasse as redes sociais como forma de alunos agirem sobre a realidade.

O trabalho tomou forma com a criação de duas páginas no Facebook, uma para cada turma de oitavo ano para a qual eu lecionava. As páginas se chamariam *A Cidade Que Queremos*, e serviriam para que os alunos refletissem sobre a realidade que viam fora dos muros da escola, fizessem fotos ou vídeos a esse respeito e, então, criassem e divulgassem postagens sobre o que lhes agradava ou sobre aquilo que gostariam que fosse diferente³. Em particular, lembro que chamava o projeto humoristicamente de “oficina de textão no Facebook”.

Meu objetivo era que as páginas fossem espaços em que os alunos pudessem se expressar e expor anseios e aquilo que gostariam de mudar no mundo em que viviam, além de terem a sensação de fazer algo de concreto sobre ele, ao denunciar os problemas que enxergavam. Não fiz ingerências sobre o conteúdo, exceto pela formatação (com o uso de uma *hashtag*, para agregar engajamento às postagens) e algumas orientações de segurança, necessárias, já que fazem parte de uma comunidade

³ Curiosamente, alguns meses após a realização da atividade com os alunos, um telejornal de uma grande rede de televisão de alcance nacional deu início a um quadro regular em sua programação no qual telespectadores deveriam enviar vídeos gravados com o celular expondo sua visão a respeito dos problemas do país, e sobre o que desejavam que fosse diferente. A proximidade temporal, bem como quase tudo no projeto – desde a proposta inicial, o formato dos vídeos, até o nome escolhido para o quadro, *O Brasil Que Eu Quero* –, deixou-me com algumas suspeitas, mas, no fim, como o trabalho escolar teve um alcance bem limitado entre os alunos e seus círculos familiares e sociais próximos, julguei que provavelmente não fosse mais que uma mera coincidência.

com risco social elevado, marcada pelo tráfico e pela violência. As páginas pertenciam aos alunos, não a mim, e cabia a eles decidir o que iriam postar nelas a partir da proposta do trabalho.

O resultado foi bastante positivo, com um bom engajamento dos alunos (embora nem todos tenham de fato participado da atividade, como já era esperado), e, então, decidi que queria repeti-lo nos anos seguintes. Em 2019, quando, na organização disciplinar dos docentes da escola, fiquei sem turmas de Filosofia, decidi buscar uma forma de transpô-lo para as aulas de História, associando as postagens a conteúdos estudados em aula, mas ainda com um foco no presente e na percepção de realidade dos alunos.

E é esse trabalho, ressignificado, que deu origem à pesquisa realizada na dissertação, sintetizada neste artigo. Com ele, busco responder a uma inquietação constante em minha experiência docente, a respeito, em um primeiro momento, da distância que há entre os conteúdos estudados e a realidade dos alunos, mas verificando, também, como a própria aula de História pode servir para torná-los cidadãos mais críticos e proativos diante dessa realidade.

Como professor de uma escola dentro de uma comunidade de periferia, em que os alunos são, em sua grande maioria, moradores locais, essa distância fica bastante patente em quase todas as disciplinas. Especificamente na aula de História, no entanto, parece haver uma distância maior, uma vez que nem sempre há um sentido evidente para os alunos do motivo de aqueles conteúdos serem importantes para eles. A pergunta “em que estudar isso vai ajudar na minha vida?” é um incômodo constante, do qual tento me esquivar com frases feitas e lugares comuns, mas que, em última instância, incomoda-me tanto quanto a eles.

A verdade é que, para mim, graduado e profissional da área, o sentido e a necessidade do ensino de História podem ser evidentes – mas é difícil criar engajamento em sala de aula quando eles não o são para os alunos. A ideia da sequência didática nasce um pouco dessa inquietação, e da necessidade que via de dar concretude ao que era estudado em aula, ajudando-os a relacionar os conhecimentos históricos à realidade

que encontram fora da escola.

Uma prática pedagógica que leve em conta a realidade dos alunos, é claro, não é uma ideia nova, ela existe desde, pelo menos, Paulo Freire e os teóricos da educação popular. “Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” – Freire (2016, p. 32) se indagava. Transparece em sua obra essa visão do conhecimento vindo dos alunos não como algo subalterno, mas possuindo de fato algo para ensinar ao professor. A sua prática e sua teorização encontraram eco em educadores não apenas do Brasil, mas em todo o mundo; bell hooks⁴, professora norte-americana fortemente influenciada por Freire, destacava como (2018, p. 75): “na obra de Paulo havia um reconhecimento da subjetividade dos menos privilegiados, dos que têm que carregar a maior parte do peso das forças opressoras. [...] Esse ponto de vista confirmava meu desejo de trabalhar a partir de uma compreensão vivida das vidas de mulheres negras pobres”.

bell hooks admirava em Freire essa valorização da subjetividade, em oposição ao que ambos chamam de “educação bancária” (HOOKS, 2018, p. 14), aquela educação conservadora, hierarquizada, em que os alunos são meros objetos da educação e não possuem *status* de agente para interferir no saber e na prática do professor. Debatendo o uso da experiência de grupos marginalizados como balizador da sua prática docente, hooks destaca a necessidade de uma estratégia pedagógica que “se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e de que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado” (HOOKS, 2018, p. 114).

O trabalho que proponho se sustenta teoricamente, em grande parte, nas ideias de pensadores como Freire e hooks. Dentro de uma lógica dialética, no entanto, não pretendo que a subjetividade e a realidade concreta nas quais os alunos estão inseridos

⁴ O nome da autora bell hooks é escrito com iniciais minúsculas no corpo do texto por determinação da própria a respeito de referências ao seu trabalho, mas quando a referência é por citação direta mantive as maiúsculas conforme regra formal da ABNT.

sejam apenas um elemento prévio, um ponto de partida, de onde sair em busca do conhecimento histórico. Busco, nesta proposta de trabalho, fazer um movimento de retorno, entendendo a realidade concreta dos alunos principalmente como o ponto de chegada da atividade pedagógica.

Fundamento-me aqui, mais uma vez, em Paulo Freire, que expressava a necessidade de enxergarmos a educação como uma prática emancipadora e libertadora, que levasse ao desenvolvimento da autonomia do educando e da sua capacidade de intervir e de agir de forma transformadora sobre o mundo em que vive.

“O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, interagindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 2016, p. 30). Em última instância, meu objetivo era que os alunos intervissem de alguma forma em suas realidades, denunciando e expressando suas visões de mundo por meio das postagens na rede social, a partir dos conceitos e dos temas abordados na aula de História, construindo, assim, o conhecimento histórico a partir da suas leituras da realidade.

Protagonismo & passado prático

O conceito-chave que guia o trabalho é o de *protagonismo*. Trata-se de um conceito cercado de alguma polêmica: FERRETI, ZIBAS & TARTUCE (2004, p. 418), assim como SOUZA (2009, p. 2), criticam a sua origem localizada no ambiente das ONGs e do terceiro setor, associada às políticas de educação para a juventude, em especial a juventude pobre. Com definições vagas, ora visto como a promoção de uma pedagogia ativa, centrada na proatividade do aluno e relacionada ao ensino por projetos integradores, ora como uma promoção do trabalho voluntário e gratuito, visando a transformação social no âmbito da comunidade, ele converte-se com frequência em um conceito despolitizante, que busca valorizar o papel de uma ação individualista, em contraposição à atuação do Estado e à mobilização coletiva na luta por direitos políticos e sociais.

A apropriação que faço desse conceito, no entanto, possui algumas diferenças, buscando um viés mais positivo. Diálogo, aqui, com o trabalho de Conceição (2018, p. 37–40), que, também por meio das tecnologias da informação, busca desenvolver uma didática de História centrada na ação do aluno, na sua curiosidade e sua iniciativa para a pesquisa e na construção do conhecimento. A sua *prática didática protagonizada pelo aluno*, método pedagógico que introduz em seu trabalho, também se fundamenta em grande parte na obra de Freire e em sua busca por uma pedagogia libertadora e emancipadora, que valorize os saberes prévios dos alunos e dialogue com eles na construção do conhecimento (CONCEIÇÃO, 2018, p. 39).

O que entendo por protagonismo, assim, é algo mais próximo do seu sentido original, vindo do teatro grego: o personagem principal, ou aquele que age primeiro (FERRETI, ZIBAS & TARTUCE, 2004, p. 413). E busco uma pedagogia centrada na autonomia e na iniciativa dos alunos, que não se fie por uma didática burocrática e fechada nos muros da escola, mas que permita ao educando intervir e enxergar uma possibilidade de atuação no mundo que o cerca.

O estudo da História se apresenta, nesse ponto, como uma forma de combater o caráter despolitizante do conceito de protagonismo apontado anteriormente. A crítica recorrente nos autores citados é que, nos contextos em que é utilizada, a noção de protagonismo quase sempre assume um caráter individualista, que valoriza o *fazer* individual do “protagonista” e desqualifica a mobilização coletiva e a luta por direitos políticos e sociais. Mas a ideia de uma pedagogia ativa, centrada na *ação* dos alunos e no desenvolvimento da sua autonomia, não pressupõe, necessariamente, essa característica.

O conceito de que me aproprio para esta formulação foi proposto por Michael Oakeshott, na forma como foi posteriormente utilizado por Hayden White. O que ele chama de *passado prático* é caracterizado como um modo de ver o passado que:

é estabelecido a serviço do “presente”, é relacionado com este presente de um modo prático e do qual, então, podemos retirar lições e aplicá-las ao presente, para antecipar o futuro (ou, pelo menos, o futuro próximo) e fornecer razões, se não justificação, para as ações nele tomadas em nome de um futuro melhor do que a atual dispensação. (WHITE, 2018, p. 17)

Entendo, da formulação de White, que a ideia de *praticidade* não pode ser confundida com *utilitarismo* – não é um passado *útil*, no sentido de que deve servir apenas para justificar o presente, como se apenas o recurso ao contemporâneo justificasse o estudo do que já passou. Ainda assim, trata-se de um passado que possui um significado prático e algo a dizer sobre a realidade presente de quem o estuda; é uma forma de ver o estudo do passado como essencialmente *voltado* para o presente, ainda que não reduzido a ele, e para o que ele pode nos dizer e como pode nos ajudar a entender e agir no próprio tempo em que vivemos.

Na atividade com a rede social, essa praticidade deve se encontrar, principalmente, na forma como os temas e os conceitos desenvolvidos no estudo do passado auxiliam na leitura da realidade presente dos alunos, historicizando e dando significado a ela. Assim, orienta-se o estudo do passado para o presente: a realidade atual não como ponto de partida, e sim como ponto de chegada, em que os conceitos apropriados do estudo do passado histórico serão articulados e operados ao lidar com o presente.

A História que queremos

O trabalho propriamente dito se desenvolveu utilizando o espaço virtual do Facebook, rede social criada por Mark Zuckerberg em 2004. Em 2017, a plataforma chegou aos 2 bilhões de usuários, tornando-se a maior rede social do mundo (G1, 2017); estima-se que o seu número atual de membros cadastrados seja em torno de 2,3 bilhões (G1, 2019). Além da sua rede mais conhecida, a empresa de Zuckerberg, Facebook, Inc., também é proprietária de outras plataformas de grande alcance no meio digital, como o Instagram e o WhatsApp.

Tamanho alcance se traduz também em uma quantidade imensa de dados e informações recolhidos sobre seus usuários, que, por sua vez, são a principal fonte a partir da qual a rede gera valor e lucro para seu proprietário e seus acionistas. Idealmente, tais dados seriam utilizados apenas para fins de direcionamento de publicidade, a partir de complexos algoritmos que processariam as informações para exibir anúncios alinhados

com os gostos e a personalidade de cada um. Mas, na realidade, grupos com interesses políticos logo perceberam o valor bruto que tais dados possuíam e passaram a usá-los para influenciar a opinião pública e até mesmo o resultado de eleições (VALENTE, 2018).

Ao mesmo tempo, no entanto, o ambiente da rede, ao conectar usuários de diversas origens e localidades, com interesses e visões de mundo em comum, também se tornou um espaço virtual muito fértil para mobilizações sociais e políticas. Na década de 2010, diversos movimentos ao redor do mundo se iniciaram ou ganharam força com as mobilizações das redes – da chamada “Primavera Árabe”, nos países da África setentrional e do Oriente Médio, aos diversos movimentos *Occupy*, na América do Norte, “compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet” (CASTELLS, 2013, p. 7-8). No Brasil, elas tiveram um papel central durante os movimentos de rua de junho de 2013, mas também contribuíram para a rearticulação das direitas conservadoras que se seguiram a eles (PINTO, 2019, p. 48-49; ROCHA, 2019, p. 156-165); e, de maneira ainda mais significativa, foram fundamentais para a articulação dos movimentos de ocupação estudantis de escolas públicas por estudantes secundaristas, que ocorreram em diversos estados do país entre 2015 e 2016, como meio de troca de informações e divulgação de iniciativas (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, 2016, p. 112; MEDEIROS, JANUÁRIO e MELO, 2019, p. 23).

E foi nesse lado mais positivo das redes, enquanto espaço de articulação social e política, que me concentrei para a proposta de oficina. Se é verdade que os adolescentes modernos possuem grande parte da sua sociabilidade mediada virtualmente, é também nesse ambiente que eles se sentem à vontade para se expressar e articular relações entre si, e é nele, também, que o seu protagonismo transparece de forma natural e espontânea.

É importante frisar que não entendo, no âmbito deste trabalho, o computador e a rede social meramente como extensões da sala de aula, uma continuação, em outro contexto, da atividade realizada dentro da escola. Encaro-os, sobretudo, como uma porta de saída: é um meio para que o conhecimento dos alunos não fique preso em um trabalho escolar, afetando, também, a realidade do lado de fora. Por isso, entendo como fundamental o caráter público da atividade, pois não é meu interesse analisar a

apropriação de temas e conceitos em um trabalho fechado, feito apenas para os olhos do professor, e sim verificar a forma como os alunos os articulam e se engajam neles tendo em vista um ambiente externo, interagindo com outro tipo de público-alvo. É o ambiente em que podem exercer o seu protagonismo, conforme conceituado anteriormente – no qual estão no centro das atenções, um espaço em que seus posicionamentos se farão ouvir e sentir pelos demais usuários.

O trabalho se desenvolveu, assim, com a manutenção de uma página no Facebook, cujo conteúdo seria criado pelos alunos a partir da sua compreensão dos conteúdos estudados em aula, e da qual eles seriam os responsáveis, também, pela divulgação dentro e fora da escola. O nome da página – *A Cidade que Queremos* – é remanescente do trabalho realizado em anos anteriores; inicialmente, de fato, foi mantida a proposta da página como um espaço de expressão e anseios mais centralizados no âmbito da cidade, porém esse aspecto foi progressivamente apagado pela própria apropriação dos alunos sobre o espaço virtual, dando lugar a anseios mais gerais a respeito da sua realidade e de suas visões de mundo.

Para guiar e agregar engajamento às postagens, foram sugeridas, em cada trabalho, *hashtags* que definiriam o tema da vez, sempre discutidas em aula com os alunos. As *hashtags* são um modo de expressão característico das redes sociais, em que o símbolo da cerquilha (#) é seguido por uma palavra ou uma expressão contínua, sem espaços – por exemplo, #CidadeSemRacismo ou #MinhaRevolução –, ajudando a reunir conteúdos dentro do mesmo conjunto temático e funcionando como um título ou *slogan* para eles. É comum que ferramentas de redes sociais, como o próprio Facebook, criem *hyperlinks* para essas *hashtags*, agregando volume de acesso às postagens que as utilizam e permitindo a sua visualização contínua, com um único clique.

A metodologia do trabalho foi fundamentada teoricamente no conceito de passado prático, debatido anteriormente, e buscava oferecer um estímulo para que o seu estudo de temas passados fosse voltado para o presente e para as questões que eles identificassem como mais relevantes para as suas realidades pessoais. Essencialmente, a utilização da página seguia a seguinte sequência:

1. O conteúdo era desenvolvido em aula, com debates e questionamentos dos alunos.
2. Uma postagem era sugerida pelo professor como trabalho final de cada conteúdo, definindo uma *hashtag* a ser usada e o seu tema geral.
3. Os estudantes realizavam as postagens e as divulgavam na escola e em suas comunidades, buscando ganhar curtidas e compartilhamentos.
4. Após a última postagem, foi pedido também um relatório final, no qual os estudantes poderiam avaliar a sua participação na atividade durante o ano e a repercussão que algumas postagens atingiram, além de sugerir formas de melhorá-las nos anos seguintes.

Ao longo do ano de 2019, cinco trabalhos foram realizados pela turma na referida página. Para desenvolver a dissertação, optei por considerar os quatro primeiros como uma avaliação inicial, feita de forma mais superficial, que me permitisse observar que tipo de temas despertavam interesse dos alunos, corrigir problemas de metodologia e ajustar os rumos da pesquisa. Com o quinto e último trabalho, por fim, realizei uma sequência didática mais desenvolvida, que trabalhou, como subtexto, os próprios temas da dissertação, em especial o protagonismo juvenil e as relações entre passado e presente, o que me permitiu uma avaliação qualitativa mais aprofundada da apropriação que os estudantes fizeram dos conteúdos de aula e do espaço virtual.

Os temas estudados e os trabalhos realizados pelos alunos foram:

- Partindo de um estudo sobre o movimento abolicionista e a trajetória do fim da escravidão no país, propus uma reflexão sobre o racismo estrutural ainda existente na sociedade brasileira. A *hashtag* utilizada foi a #CidadeSemRacismo.
- Após estudar o imperialismo e neocolonialismo, bem como as formas de resistência desenvolvidas contra eles, refletimos sobre as que ainda realizamos hoje, com a *hashtag* #EuTambémResisto.

- A Primeira Guerra Mundial permitiu que refletíssemos sobre a presença da violência no mundo contemporâneo, com a *hashtag* #PelaPaz.
- Partindo de um estudo da Revolução Russa, propus que os alunos refletissem sobre quais mudanças gostariam que houvesse na nossa sociedade, assim como sobre o que eles próprios fazem para tornar o seu mundo um lugar melhor, usando a *hashtag* #MinhaRevolução.
- O último trabalho desenvolveu-se a partir do estudo do nazifascismo. Diferente dos anteriores, optei por deixar o tema específico e a *hashtag* a serem escolhidos em um debate em aula, com todos os estudantes tendo voz sobre aquilo que gostariam de dizer. O tema mais presente nas falas e nas escolhas dos alunos foi o do preconceito – entendido de forma ampla, partindo da discriminação aos judeus realizada pelos nazistas, podendo ser estendido, de acordo com a escolha dos estudantes, para questões que se aproximassem mais de suas realidades. Três possibilidades de *hashtag* foram escolhidas pelos alunos: #Consciência (que poderia ser complementada com algum tema de preferência do aluno, como #ConsciênciaNegra ou #ConsciênciaLGBTQIA+), #NazismoÉCrime e #ContraOPreconceito.

Análise das postagens e resultados

Percebeu-se, na realização da oficina, um engajamento bastante grande dos alunos, inicialmente. O primeiro trabalho foi o que teve mais participação, algo que foi diminuindo no decorrer do ano. Em parte, isso se deu devido à mobilidade dos alunos, uma vez que a turma, que já era pequena desde o princípio, ainda teve alguns de seus membros transferidos para outras escolas. No entanto, mesmo entre os remanescentes, manter o nível de interesse durante um trabalho de longa duração mostrou-se um desafio a ser superado, o que exigiu constante replanejamento das ações.

Quanto às postagens, o resultado foi bastante positivo, dentro dos objetivos que haviam sido propostos para a pesquisa. Levados a observar e se questionar sobre suas

realidades, eles demonstraram uma boa capacidade de compreensão dos conceitos de aula, além de serem capazes de operá-los com mais facilidade no modelo proposto que em um ambiente formal, como o de uma prova ou de um trabalho escrito. Inicialmente, houve uma grande quantidade de trabalhos plagiados, retirados de outras fontes da internet – a questão da autoria no ambiente virtual é, de fato, um tema complexo, e requer outros debates, que extrapolariam o escopo da pesquisa. Nos dois últimos trabalhos, no entanto, todas as postagens foram originais – o que denota um crescimento ao longo da atividade, com maior confiança em suas próprias ideias e uma capacidade de expressão que não havia nos primeiros trabalhos.

É possível observar, também, que há um interesse latente sobre temas considerados “sensíveis”, o que se reflete no conteúdo das postagens. Adoto, aqui, a definição de Benoît Falaize, que, retomando o trabalho de Legardez e Simmeauneux, enxerga os temas sensíveis como caracterizados pela sua vivacidade na sociedade, além de o fato de que a sua presença nos espaços de mídia os torna controversos em sala de aula (FALAIZE, 2014, p. 228). No trabalho, para além da controvérsia causada por grupos políticos que tentam suprimi-los do cotidiano escolar, o que se percebeu é que, frequentemente, são justamente com essas temáticas que os estudantes mais se engajavam, e sobre as quais tinham mais interesse em se expressar.

Assim, além da postagem que tratava especificamente do tema, o racismo também apareceu no trabalho sobre resistências; os outros assuntos escolhidos na ocasião incluíam a LGBTQIA+fobia e o machismo. E esses também são temas que parecem incitar maior engajamento da comunidade, em grande parte positivo: o texto sobre LGBTQIA+fobia foi o que teve mais interações, entre curtidas, comentários e compartilhamentos; já as postagens sobre racismo obtiveram comentários de pessoas de fora da comunidade, a quem a página conseguiu alcançar.

O trabalho final, em que os parâmetros e as *hashtags* foram definidos coletivamente pela turma, foi especialmente revelador quanto à predileção dos alunos diante de alguns dos temas sensíveis. Estudando o nazifascismo, a maioria dos estudantes buscou aproximações apenas tangenciais com o assunto, partindo da discriminação

realizada contra os judeus para falar daquelas que eles próprios sofriam em seu cotidiano. A escolha do preconceito como tema norteador das postagens já é um reflexo disso; e, observando as que foram realizadas na página, nota-se que aqueles que mais apareceram foram o preconceito racial e o de gênero. Reproduzo alguns dos trabalhos a seguir.

Vocês já pararam pra pensar que NEGROS são excluídos só por sua cor de pele? Vocês tem noção do quanto é horrível ser excluído, diminuído ou até mesmo morto só por ter a pele escura? Passa a viatura e eles falam pra correr, correr por quê? se eu não devo nada, mesmo assim eles nos param, uma das piores sensação.

Outra sensação horrível é entrar em uma loja a procura de produtos para comprar e no meio de tudo isso ser seguido pelos guardas ou pelas vendedoras cara isso é horrível, baita desconforto...

Somos vistos como uma ameaça!!!

Essas frases machucam ...

"A entrada dos funcionários é pra lá"

"Negro é tudo igual, tudo bandido"

"Tinha que ser negro mesmo"

"Se alisar o cabelo, vai ficar lindo"

"Além de negra, é pobre"

Não podemos abaixar a cabeça diante de um preconceito, temos que lutar para ter nossos direitos, somos pessoas do bem ...

Uma cor não define quem somos!

#Nãoaopreconceito

Dá pra acreditar que ainda existe preconceito, não tô falando só do preconceito por causa da cor da pele ou classe social eu estou falando do preconceito geral com os negros, as mulheres, lésbicas, gays, bissexuais e trans. Desde que a América foi descoberta os brancos acham que podem mandar, desmandar e tratar do jeito que querem os negros, sendo que ninguém é perfeito todos nós temos um defeito. É inacreditável que a notícia que a gente mais escuta nas rádios seja o aumento de feminicídio, sendo que a maior parte da população fala "DEVE EXISTIR IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES" se deve existir igualdade então por que a mulher é a imagem principal vista para fazer os afazeres domésticos e cuidar do(s) filho(s) e por que a cada dia que passa mais mulheres morrem ou são violentadas sexualmente? São tantas perguntas e a resposta que nós mais escutamos é "A CULPA É DA MULHER OU ELA PEDIU POR ISSO". Não dá pra acreditar que no século XXI tem gente que não tem o que fazer e fica cuidando da vida dos outros dizendo o que eles devem ou não fazer com quem eles devem ficar namorar e casar, não existe problema algum uma mulher ficar com outra, um homem ficar com outro, uma mulher ou um homem ficar com os dois gêneros sexuais, não têm problema uma pessoa não gostar do próprio gênero. Resumindo não precisa gostar ou ser o que é importa mesmo é ter RESPEITO.

#sempreconceito

O machismo, é achar que os homens superiores as mulheres! Bom, na verdade todos nós somos um pouco machista, mas acho que nós mulheres devemos saber que somos livres, devemos sempre trabalhar pra não depender de homem nenhum, Pois nenhum homem tem que falar o que devemos, e o que podemos fazer! Mulher NÃO é obrigada a ficar trancada dentro de casa, Mulher NÃO É Obrigada ta esquentando a barriga na boca do fogão, mulher NÃO é obrigada a Ficar com homem machista! Mulherada, trabalhem por vocês, lutem por vocês! E não deixem homem nem um, dizer o que vocês devem fazer! *Mulher, liberte-se de tudo o que cala tua voz!*

Nós mulheres temos que deixarmos de ser submissas aos homens que acham que são superior a nós, devemos ter o mesmo salário, os mesmos direitos, o mesmo cargo de trabalho. Antigamente as mulheres eram submetidas a usar saias, espartilhos e o comprometimento sempre era abaixo do joelho, e se usassem as roupas que elas queriam, o estilo de cabelo, falavam que a mulher não se dá o valor e que está pedindo pra ser assediada, isso é um absurdo ainda bem que os anos passaram e muitas coisas mudaram mas ainda temos muito para lutar para ter tudo o q é de nosso direito e parar de ser assediada na rua.
#Conciênciaaomachismo

É significativo que o tema do racismo tenha sido abordado pelos alunos, ainda mais considerando que fora discutido superficialmente durante as aulas desse conteúdo programático, a partir da história de Jesse Owens. A questão de gênero, por outro lado, trata-se de uma aproximação feita pelos estudantes de forma original e espontânea – em especial pelas estudantes do sexo feminino, em cujas postagens ele foi mais proeminente –, mas que não havia sido prevista pelo professor.

Outros resultados percebidos na realização da atividade são mais difíceis de quantificar, mas eram percebidos empiricamente, na própria realização das aulas durante a atividade. Percebeu-se que os alunos demonstravam um maior engajamento com o trabalho digital que com os trabalhos tradicionais, e as referências constantes a questões de seus universos sociais os levaram a se interessar mais pelos temas em aula. Eram constantes comentários sobre a repercussão de suas postagens, em especial aquelas que despertaram maior engajamento para além da escola. A perspectiva de expor seus pensamentos e visões de mundo – de, enfim, agirem como protagonistas sobre sua realidade – parecia interessar a eles, sobretudo nos casos em que houve respostas externas à comunidade, deixando-os animados e deslumbrados.

Muitas dessas questões foram abordadas pelos estudantes em seus relatórios finais, em que avaliaram aquilo que foi feito durante o ano e expressaram suas impressões

peçoais sobre a atividade. “Eu achei uma proposta legal pois podemos dizer o que pensamos sobre certos assuntos que normalmente não são muito discutidos na nossa sociedade”; destacou uma aluna. Nas palavras de outro aluno:

não só nós refletíamos sobre o assunto, fazíamos também outras pessoas pararem para pensar, foi muito produtivo ter um espaço para expressar sua opinião sobre um assunto dado em aula, usamos temas contemporâneos para desenvolver postagens construtivas e levar adiante uma ideia diferente para quem leu.

Da mesma forma, a questão dos temas controversos foi destacada, com aqueles pelos quais mais mostraram interesse e com os quais ficaram à vontade para se expressar: “Bom eu gostei de todas [as postagens] mas a que eu gostei mais foi a última, porque fala sobre o meu mês⁵, sobre a consciência, eu amo falar sobre negros e foi por isso que eu gostei”.

Esse trabalho me ajudou muito a refletir sobre esse assunto, me fez mudar meu pensamento para melhor, ver como tem muitas injustiças ainda, que ainda existe o preconceito mesmo depois de anos.

A última e a primeira [postagens] foram as melhores, pois as duas falavam de algum modo sobre preconceito, que ainda é muito forte, as pessoas não pensam que isso faz os outros sofrerem, elas foram as melhores porque pudemos mostrar nossa opinião. Todas as postagens fizeram elas refletirem e mostrar que ainda temos que lutar por tudo para ainda conquistar as coisas que são do nosso direito.

Como avaliação final, assim, acredito que a oficina trouxe resultados muito satisfatórios, com dados muito ricos para a reflexão a partir dos trabalhos realizados pelos estudantes, e um saldo muito positivo quanto à sua realização. A rede social mostrou-se como um espaço que pode ser fértil para os estudantes se expressarem, no qual se sentem à vontade, demonstrando um interesse latente em exercer o seu protagonismo e se apropriar de forma muito pessoal e individual dos conteúdos estudados em aula para usá-los em suas reflexões sobre as questões de suas próprias realidades.

Referências

⁵ “Meu mês”, no caso, faz referência ao Mês da Consciência Negra, uma vez que o trabalho final foi realizado pelos estudantes durante o mês de novembro de 2019.

A Cidade que Queremos C31. Página do Facebook. Disponível em:

<<http://fb.com/HistoriaLeocadia>>. Acesso em: 19 out. 2019.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2013.

CONCEIÇÃO, Juliana Silva da. *Em busca de conexões com as Juventudes no Ensino de História*. 2018. 100 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ensino de História. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo.

FALAIZE, Benoît. “O ensino de temas controversos na escola francesa: os novos fundamentos da história escolar na França?” Trad. Fabrício Coelho. *Revista Tempo e Argumento*, v. 6. n. 11. Florianópolis, jan./abr. 2014.

FERRETTI, Celso; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. “Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 122, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

G1. *Facebook atinge os 2 bilhões de usuários*. Rio de Janeiro: G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

_____. *Facebook completa 15 anos com 2,3 bilhões de usuários*. Rio de Janeiro: G1, 2017. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúrion (orgs.). *Ocupar e resistir: Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015–2016)*. São Paulo: Editora 34, 2019.

PERSONA 5. Tóquio: Atlus, 2016. Jogo eletrônico.

PINTO, Céli Regina Jardim. "A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013–2015)". In: SOLANO, Esther. e ROCHA, Camila. *As direitas nas redes e nas ruas: A crise política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ROCHA, Camila. "'Imposto é roubo!': A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff". In: SOLANO, Esther. e ROCHA, Camila. *As direitas nas redes e nas ruas: A crise política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOUZA, Regina Magalhães de. "Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz". *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2009.

VALENTE, Jonas. *Ministério Público do DF investiga uso ilegal de dados de usuários do Facebook*. Brasília: Agência Brasil, 2018. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ministerio-publico-do-df-investiga-uso-ilegal-de-dados-de-usuarios-do-facebook>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

WHITE, Hayden. "O passado prático". *ArtCultura*, Uberlândia, v. 20, n. 37, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/issue/view/1800>>. Acesso em: 01 mai. 2019.